

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 18/5/2010

**Autor:** Sérgio Lamucci

## **Para González, nova crise está incubada**

*Ex-primeiro-ministro espanhol afirma que  
é fundamental reformar o sistema financeiro*

Uma nova crise já está em incubação, e é indispensável reformar o sistema financeiro internacional para evitar a eclosão de turbulências globais cíclicas, advertiu ontem o ex-primeiro ministro da Espanha Felipe González. Presidente do grupo de reflexão sobre o futuro da Europa, o espanhol disse não ser possível falar em "pós-crise" enquanto não houver essa reforma – que, para ele, precisa ter um caráter mundial. "Desafios globais exigem respostas globais", afirmou González, que participou de seminário em São Paulo realizado pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso (FHC), para discutir o "mundo pós-crise", com apoio da BM&F.

O ex-presidente brasileiro também defendeu enfaticamente a reforma do sistema financeiro internacional: "Ele não pode continuar desregulado como anda. Isso não quer dizer sufocá-lo, mas é necessário regulamentação que seja flexível", afirmou Fernando Henrique Cardoso. Como González, pediu mudanças que impeçam os mercados de atuar com "cassino".

O ex-primeiro-ministro da Espanha defendeu uma regulação do sistema financeiro com regras simples – para evitar m excesso regulatório –, e que haja um prazo para a implantação total das novas normas.

"Faltam elementos de governança global e falta fazer as reformas estruturais para impedir que se incube a crise seguinte", disse onzález. Para ele, é possível que o mundo tenha saído da recessão, o que está mais claro para a América Latina e para a Ásia, embora não seja tão evidente para EUA e Europa. "Mas, sem reformas estruturais, poderemos deixar conjuntamente a recessão, enquanto galopamos para a próxima crise."

González também falou sobre a situação da Europa, que enfrenta uma situação muito delicada. Ele rechaçou a ideia de que a existência do euro esteja em risco, mostrando pouca preocupação com a tendência de desvalorização da moeda. Para González, se o euro se aproximar ainda mais da paridade em relação ao dólar – ontem fechou cotado a 1,2381 –, é algo até mais razoável em termos dos fundamentos econômicos. Segundo ele, uma cotação de 1,50 dólar por euro, como chegou a ocorrer no ápice da valorização da moeda europeia, não se explicaria pelos fundamentos.

Para González, a saída para os países europeus que não podem contar com depreciações cambiais, por estarem amarrados ao euro, é aumentar a competitividade por meios do aumento da produtividade, e não de cortes de salários. González sugeriu ligar os salários à produtividade por horas trabalhadas, e não apenas reduzir os rendimentos. "Isso acaba por diminuir o consumo interno."

González elogiou o modelo brasileiro de regulação do sistema financeiro, que permitiu que o Brasil sofresse pouco com a maior crise global desde os anos 30. "O Brasil aprendeu muito bem o que eram as crises financeiras e quais as suas consequências. Com isso, fez mais reformas para se defender das turbulências", ressaltou ele, para quem, nesse campo, o país sabe mais do que EUA e Europa, que "há muitos anos não passavam por uma crise financeira".

Fernando Henrique disse que o Brasil mostrou força por ter uma estrutura financeira mais sólida. "Nós fizemos o saneamento dos bancos desde 1995", afirmou ele, citando o programa de reestruturação dos bancos privados (Proer) e dos estaduais (Proes), medidas tomadas no seu governo. Disse também que a atual administração seguiu nessa direção.

Também presente ao evento, o ex-presidente do Chile Ricardo Lagos disse que um dos problemas da zona do euro foi não ter estabelecido regras fiscais como as da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) brasileira, aprovada em 2000. A LRF impôs normas rígidas para limitar o endividamento dos Estados, o que faltou para os países da zona do euro. Houve uma unificação monetária, mas faltaram regras para a disciplina fiscal. Esse é um ponto fundamental para explicar a atual crise europeia.

Fernando Henrique aproveitou para alfinetar, indiretamente, o atual governo e a pré-candidata do PT à presidência, Dilma Rousseff. Apontou que hoje há o risco das utopias regressivas, uma delas caracterizada pelo fundamentalismo de mercado e a outra pelos que "pensam que estão indo para o século 21 com ideias do século 19." Eles "imaginam que o que resolve tudo é um partido ou um Estado que controle e dite o rumo".